

O NORDESTE É MINHA SETA

MARIA ESTELA VIEIRA DE SOUZA

Submetido em 14/11/21
Aprovado em 18/01/2022

Ouçã no spotify



— Qual é o seu nome, minha jovem? — perguntou o homem alto, de cabelos grisalhos e pele clara à minha frente. Seus olhos esverdeados expressavam cansaço, provavelmente ele passou o dia inteiro recebendo pessoas que, assim como eu, buscavam por aquela vaga.

— É Telma, senhor. — minha voz, por mais que um pouco trêmula, tentava expressar o máximo de autoconfiança. As pessoas que saíram daquela sala antes de mim entraram com as mãos tremendo e saíram com os olhos cheios de lágrimas, por mais que eu não desejasse sair na mesma situação, não poderia descartar a possibilidade de estar na porcentagem de desafortunados que saíam dali sem um emprego.

— Certo... Telma, de onde você é? — ele deixou sua caneta na mesa e uniu as mãos para apoiar seu rosto nelas, essa atitude pareceu uma tentativa de me falar “por favor, seja breve, eu quero ir embora,” o que não ajudou a afastar meu nervosismo.

— Sou de Mossoró, no Rio Grande do Norte. — respondi.

— Aqui diz que a senhorita é graduada em jornalismo, participou de alguns projetos de pesquisa... — ele fez uma pausa enquanto analisava os dados em meu currículo. — por que deveria ser a pessoa que preencherá essa vaga? Conte-me sua história.

— Como já falei, sou potiguar, graduada em jornalismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mossaoroense com muito orgulho... vim para São Paulo em busca de oportunidades, senhor, por mais que eu ame minha terra, por mais que eu admire o jornalismo local, sei que tenho coisas a entregar aos brasileiros que beiraria o impossível se eu tentasse por meio dos jornais de onde eu moro. Sem querer desmerecer, entende? — respirei fundo, discretamente alonguei a coluna e relaxei os ombros — O senhor tem café?

— Claro, um momento... — ele pediu o café e a secretária entregou rapidamente, dei um gole no líquido quente e deixei que o sabor que me lembrava de casa me permitisse continuar a história.

— Sou filha de agricultores, a primeira da família a concluir uma graduação, a primeira a tentar a sorte aqui no Sudeste. Estagiei por muito tempo em um jornal

da minha cidade, onde adquirir bastante experiência redigindo textos, fazendo reportagens na rua, cobrindo eventos municipais, acho que não há uma única função que eu não tenha feito naquele lugar. Sofri muito, senhor. Minha família, durante certo tempo, foi alimentada por bolsas e auxílios universitários, não foi fácil deixá-los, não é fácil estar aqui.

— E por que está aqui? — Essa foi a única pergunta que ele fez naquele momento. Deu um gole em seu café e voltou a me encarar.

— Estou aqui porque não posso deixar que minha família continue a passar fome, sede, frio, calor... minha cidade é quente, muito quente, mas quando chove, se não tiver uma casa, é preciso tomar chuva na rua e ficar resfriado depois, o senhor sabe como é... estou aqui em busca de condições melhores para mim, para eles, para as próximas gerações dos meus... eu quero ser o exemplo que eu não pude ter em casa. — despejei tudo de uma vez e dei mais um gole no líquido preto que, por mais que tivesse me mantido agitada e alerta durante inúmeros períodos de prova, naquele dia me acalmava.

— Por que acha que essa emissora é o seu lugar? — o homem recostou-se na cadeira e me olhou com curiosidade, havia algo de diferente em seus olhos, não estavam mais tomados apenas pelo cansaço, ele parecia esperar que eu falasse algo específico.

— Acredito que posso fazer a diferença aqui, que posso amadurecer como pessoa, crescer e ajudar outras pessoas a crescerem também, senhor. — eu já estava mais à vontade naquela entrevista, parecia mais uma conversa entre amigos do que um interrogatório monótono... pensei isso até receber a resposta.

— Desculpe, mas sua entrevista acabou... olhe, sua história é comovente, é bonita, daria um belo livro de superação, mas seu lugar definitivamente não é aqui, e eu duvido muito que consiga encontrar emprego em uma empresa de comunicação aqui em São Paulo com esse sotaque... não me entenda mal, não é nada pessoal, mas jamais conseguirei ficar na frente das câmeras se continuar falando assim, eu indico que viva um pouco mais entre os paulistas e aprenda mais o nosso jeito de falar e se relacionar, se conseguir afastar um pouco esse jeito meio nordestino, você pode ter mais chances... — minha única reação enquanto ele falava era: respirar, assentir, tomar café. Respirar, assentir, tomar café.

Não pense que eu sou leiga, eu já conhecia a xenofobia e essa não foi a primeira vez que eu me vi sendo vítima de um ato tão doentio. Quando ele terminou seu discurso preconceituoso, dei um último gole no café, coloquei a xícara na mesa sem

o menor cuidado e levantei. Ele me olhou com um pouco de espanto, lembro muito bem daquele olhar, e então me permiti colocar as palavras para fora, dando ainda mais destaque e força ao meu sotaque.

— Se o senhor não consegue ouvir o sotaque nordestino, acredito que precise de aulas contra a xenofobia, porque isso é crime, sabia? — apoiei as mãos em sua mesa e continuei. — e não se preocupe, prefiro ficar fora da sua empresa do que me juntar a gente como o senhor, que provavelmente contrata pessoas que seguem seus ideais. Certamente existe uma empresa por aqui que vai me ouvir, me respeitar, e se não houver, vou reconhecer que errei e voltar para casa.

Depois daquele dia, as coisas foram muito difíceis em São Paulo, nenhuma emissora me aceitava, todas as demais usaram um discurso xenofóbico comigo de forma velada: algumas disseram que eu não fazia o perfil que eles buscavam, outras usavam a desculpa de que eu não possuía as competências necessárias, mesmo que meu currículo atendesse a tudo que eles buscavam ao publicar as vagas. Finalmente, meses depois, chegou o momento que eu não aguentava mais, então comprei passagens de volta para casa.

Vale lembrar que São Paulo não foi o meu primeiro destino, antes eu passei meses no Rio de Janeiro, enviando currículos, sendo recusada em entrevistas e ouvindo comentários xenofóbicos. Fiz entrevistas on-line com emissoras do sul, norte, centro-oeste, mas nenhuma me aceitava, sempre com as mesmas desculpas e preconceitos velados. Quando estava na poltrona do avião, indo para Natal, coloquei os fones de ouvido e deixei Potyguara Bardo, Plutão já foi Planeta e Luísa e os Alquimistas comporem a trilha sonora dessa viagem.

Recordo-me que enquanto eu ouvia as músicas, o sotaque, os dialetos, meu coração era puxado para casa e eu me fiz a seguinte pergunta: se eu quero combater a xenofobia, se eu quero exaltar minhas raízes, meu povo, minha terra, por que eu estou tentando fazer isso em terras onde não sou bem-vinda? E não, eu não digo que todas as demais regiões brasileiras são xenofóbicas com o Nordeste, mas a maioria das minhas experiências foram negativas, talvez eu estivesse no lugar errado, na hora errada, com as pessoas erradas, mas é provável que tudo tenha sido uma armação do destino para que eu voltasse para o meu lugar.

Fechei contrato com uma emissora da minha cidade e atuei naquilo que mais me dava paixão: entretenimento. Cobri cada vez mais shows locais, fui enviada para cobrir diversos eventos dos mais diversos tipos, pude entrevistar artistas influentes da cidade e ver novos talentos surgirem com o passar dos anos. Inspirei muitas jo-

vens, tenho consciência disso pois frequentemente sou parada nas ruas para receber agradecimentos e declarações que me deixam derretida. Sair de casa e buscar um lugar maior sempre é o primeiro plano de todo mundo, de fato funciona para alguns, mas não foi o meu caso.

— Que história maravilhosa, Telma, você é um exemplo, certamente, é uma pessoa que ficará para a história. Infelizmente a xenofobia é algo que se faz presente na nossa história, mas você é a voz de muitos jovens nessa luta pela igualdade. — quem fala isso é uma jornalista de uma grande revista, reconhecida e premiada nacional e mundialmente, uma mulher poderosa e muito influente dizendo que eu estou em pé de igualdade com ela. Fui convidada para essa entrevista há alguns meses, após o lançamento de meu segundo livro, e fiquei surpresa quando ela me pediu para contar uma história traumática... sim, fiquei surpresa pois fazer essa escolha seria difícil, mas a xenofobia praticamente foi o que me fez acordar de um transe e voltar para casa e recomeçar, então foi essa história que eu contei.

— Bom, eu consegui mudar minha vida, consegui ajudar minha família e hoje estou formando filhos, sobrinhos, estou vendo todos seguirem seus caminhos, mas sempre lembro a eles que o meu foi doloroso, assim espero que eles consigam sentir um pouco de acolhimento e carinho... — falei com um sorriso radiante. Meus olhos estavam cheios de lágrimas, mas lágrimas de felicidade por ter chegado onde cheguei.

— Qual lição, no fim das contas, você gostaria de deixar para as pessoas que te seguem nas redes sociais e que lerão esse artigo?

— Não desista dos seus sonhos, mas saiba que o lugar mais doce para realizá-los é a sua casa, a sua terra, junto do seu povo que compartilha das mesmas dores e cicatrizes que você... se seu sonho for realmente tentar a sorte fora de casa, em outra cidade, estado, região ou até mesmo país, saiba que a luta que te espera é árdua, talvez você se encontre, talvez você apenas se perca... se der tudo certo, comemore, mas nunca esqueça de onde veio, se der tudo errado, tenha humildade, reconheça seu erro e volte para o começo, não há nada de errado em recomeçar.

— Que lindo, essa mensagem é verdadeira, Telma... nós que trabalhamos com a voz sabemos como é difícil falar e ter medo de rirem, julgarem, mas você representa muito para todos da nossa área, do nosso estado e da nossa região. Espero que sua voz inspire mais pessoas a lutarem por igualdade, a continuarem o legado de força que você começou a cultivar, e continua semeando entre nós. Há alguma frase que você queira deixar aqui?

— Sem dúvidas existe uma... essa é a frase que compõe o título do meu pri-

meio trabalho dentro da faculdade, é uma frase forte, pequena, mas que diz muito sobre mim, minha história e o que eu aprendi a enxergar depois de tantas tentativas frustradas...

— Perfeito, e qual é? São tantos trabalhos ao longo da sua trajetória que nós acabamos perdendo as contas e a noção de qual foi o primeiro. — ela dá uma risada discreta, mas aparentemente feliz. Nossa entrevista foi muito boa, apesar de ter relembado de um momento tão sofrido da minha trajetória, mas tudo fluiu muito bem.

— O Nordeste é minha seta. — revelei sem muito suspense.

— E o que essa frase significa para você? — ela recebeu o copo de água que uma pessoa da equipe a entregou, e eu peguei o outro.

— Significa que não importa o que eu esteja fazendo, onde eu esteja, com quem eu esteja e quais sejam os meus planos, sempre haverá uma seta apontando a direção de casa, apontando onde estão os meus... significa que eu nunca irei me perder, eu posso ir longe, muito longe, mas sempre que precisar voltar, eu saberei o caminho. No fim, eu quero deixar um pedido às gerações futuras: continuem explorando o Brasil, continuem conquistando o mundo, mas sempre imponham suas vozes para defender o lugar de onde vocês vieram, tenham suas setas fixadas assim como eu tenho a minha.

A entrevista acabou de forma descontraída. Quando toda a equipe foi embora, peguei minhas malas e fui para a rodoviária, onde entrei em um ônibus com destino à Natal, onde eu pegaria um voo para a Europa e dedicaria alguns meses da minha vida palestrando em grandes eventos, conhecendo novos estilos de vida e diferentes realidades, ampliando meu conhecimento de mundo e me distanciando cada vez mais da imagem doentia que um dia as pessoas me proporcionaram.

Quando chego em terras europeias, mais precisamente portuguesas, me deparo com um homem e não demoro a reconhecê-lo. Faço questão de tomar um assento distante dele, distante de sua arrogância e pensamentos sujos.

Meu momento de subir ao palco chega e, quando começo a falar com o mesmo sotaque e expressões de sempre, olho na direção daqueles olhos verdes que um dia me olharam preguiçosa e preconceituosamente, ele havia lembrado de mim e eu, sem sombra de dúvidas, jamais esqueceria dele. Obviamente não se tratava de uma lembrança agradável para nenhuma das partes, mas saber que ele estava presenciando ao vivo e a cores uma das minhas maiores conquistas foi algo impagável.